

# ciudades revista

---

ISSN (online) 2448-1092

volume 15  
número 25  
2023



# equipe editorial

**Cidades** é uma publicação voltada à divulgação de pesquisas e reflexões que envolvem a compreensão da problemática urbana a partir de um olhar preferencial, mas não exclusivamente geográfico.

Fundada em 2002 sob a responsabilidade do Grupo de Estudos Urbanos (GEU), ela está hoje sediada na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) sob a responsabilidade de um Conselho Editorial que, em 2020, assumiu a revista sob o compromisso com a pluralidade na produção do conhecimento no campo dos estudos urbanos.

A revista tem como objetivo contribuir para ampliar nossa capacidade de ler e interpretar o processo de urbanização e as cidades num período em que tem se aprofundado a complexidade das relações que orientam processos e dinâmicas e se aceleram o ritmo das transformações.

Cidades está vinculada à linha de pesquisa Produção do espaço urbano-regional do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFFS.

**Publicação sob responsabilidade da Universidade Federal da Fronteira Sul**  
Rodovia SC 484 - Km 02, - Chapecó, SC, Brasil. CEP 89815-899  
ISSN (online) 2448-1092

[cidades.uffs.edu.br](http://cidades.uffs.edu.br)  
@revistacidades



Esta revista está licenciada sob a Creative Commons Attribution 4.0 License.

**volume 15 | número 25 | ano 2023**

## Conselho editorial

**Dr.ª Catherine Chatel**

Université Paris Cité, França

**Dr. Igor Catalão**

Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS)

**Dr.ª Juçara Spinelli**

Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS)

**Dr. Márcio José Catelan**

Universidade Estadual Paulista (UNESP)

**Dr. Oscar Sobarzo**

Universidade Federal de Sergipe (UFS)

**Dr.ª Patricia Helena Milani**

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

**Dr. William Ribeiro**

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

## Responsável editorial

**Dr. Igor Catalão**

Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS)

## Direção de arte e design

**Arq. e Urb. Amanda Rosin de Oliveira**

Universidade de São Paulo (USP)

## Equipe de apoio

**Me. Carliana Grosseli**

Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste)

**Me. João Henrique Zoehler Lemos**

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

**Vitor Hugo Batista**

Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS)

## Bibliotecária responsável

**Franciele Scaglioni da Cruz**

Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS)

## Projeto gráfico e diagramação

**AROLab | Amanda Rosin de Oliveira**

Capa: Arte vetorizada por Inayara Sampaio

## **Conselho Editorial Internacional**

Dr.<sup>a</sup> Alicia Lindón, Universidad Autónoma Metropolitana-Iztapalapa, México, alicia.lindon@gmail.com  
Dr.<sup>a</sup> Ana Fani Alessandri Carlos, Universidade de São Paulo, Brasil, anafanic@usp.br  
Dr. Angelo Serpa, Universidade Federal da Bahia, Brasil, angeloserpa@hotmail.com  
Dr.<sup>a</sup> Aurélia Michel, Université Paris Cité, França, aurelia.michel@univ-paris-diderot.fr  
Dr. Carles Carreras, Universitat de Barcelona, Espanha, ccarreras@ub.edu  
Dr.<sup>a</sup> Carme Bellet, Universitat de Lleida, Espanha, carme.bellet@udl.cat *in memoriam*  
Dr.<sup>a</sup> Claudia Damasceno, École des Hautes Études en Sciences Sociales, França, claudia.damasceno@ehess.fr  
Dr.<sup>a</sup> Diana Lan, Universidad Nacional del Centro de la Provincia de Buenos Aires, Argentina, dlan@fch.unicen.edu.ar  
Dr.<sup>a</sup> Doralice Sátyro Maia, Universidade Federal da Paraíba, Brasil, dsatyromaia@gmail.com  
Dr. Federico Arenas, Pontificia Universidad Católica de Chile, Chile, farenasv@uc.cl  
Dr. Gabriel Silvestre, University of Sheffield, Reino Unido, g.silvestre@sheffield.ac.uk  
Dr. Horacio Capel, Universitat de Barcelona, Espanha, hcapel@ub.edu  
Dr. Jan Bitoun, Universidade Federal de Pernambuco, Brasil, bitounjan@gmail.com  
Dr. José Borzachiello da Silva, Universidade Federal do Ceará, Brasil, borzajose@gmail.com  
Dr. Laurent Vidal, Université de La Rochelle, França, lvidal@univ-lr.fr  
Dr.<sup>a</sup> Leila Christina Dias, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil, leila@cfh.ufsc.br  
Dr.<sup>a</sup> Luciana Buffalo, Universidad Nacional de Córdoba, Argentina, lubuffalo@gmail.com  
Dr. Luis Alberto Salinas Arreortua, Universidad Nacional Autónoma de México, México, luis\_arreortua@hotmail.com  
Dr.<sup>a</sup> Maria Encarnação Beltrão Sposito, Universidade Estadual Paulista, Brasil, mebsposito@gmail.com  
Dr.<sup>a</sup> María Laura Silveira, Conicet/Universidad de Buenos Aires, Argentina, maria.laura.silveira.1@gmail.com  
Dr.<sup>a</sup> Odette Carvalho de Lima Seabra, Universidade de São Paulo, Brasil, odseabra@usp.br  
Dr. Paulo Roberto Rodrigues Soares, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil, paulo.soares@ufrgs.br  
Dr. Pedro de Almeida Vasconcelos, Universidade Federal da Bahia, Brasil, pavascon@uol.com.br  
Dr. Roberto Lobato Corrêa, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil, lobatocorrea39@gmail.com  
Dr. Rodrigo Hidalgo, Pontificia Universidad Católica de Chile, Chile, rodrigohidalgogeo@gmail.com  
Dr. Saint-Clair Cordeiro da Trindade Junior, Universidade Federal do Pará, Brasil, stclair-jr@hotmail.com  
Dr.<sup>a</sup> Tatiana Schor, Universidade Federal do Amazonas, Brasil, tatiana.schor@gmail.com  
Dr. Vincent Berdoulay, Université de Pau et des Pays de l'Adour, França, vincent.berdoulay@univ-pau.fr

# CONSUMIDORES DAS FEIRAS LIVRES URBANAS: PERCEPÇÕES ACERCA DA SEGURANÇA DOS ALIMENTOS EM CHAPECÓ, SC<sup>1</sup>

MARCIA ORTH RIPKE

Universidade Comunitária da  
Região de Chapecó

marciaripke@unochapeco.edu.br

CARLA ROZANE PAZ ARRUDA TEO

Universidade Comunitária da  
Região de Chapecó

carlateo@unochapeco.edu.br

VANESSA DA SILVA CORRALO

Universidade Comunitária da  
Região de Chapecó

vcorralo@unochapeco.edu.br

MARIA ASSUNTA BUSATO

Universidade Comunitária da  
Região de Chapecó

assunta@unochapeco.edu.br

JUNIR ANTÔNIO LUTINSKI

Universidade Comunitária da  
Região de Chapecó

junir@unochapeco.edu.br

## RESUMO

O estudo visa caracterizar a segurança dos alimentos comercializados em feiras livres na perspectiva dos consumidores. A pesquisa foi realizada nas sete feiras livres do município de Chapecó-SC, em funcionamento no segundo semestre de 2021. O estudo contou com uma amostra de 374 consumidores maiores de 18 anos que responderam a um questionário semiestruturado. A maioria dos participantes (91,4%) se preocupa com a presença de agrotóxicos nos alimentos comercializados nas feiras livres e menos da metade (45,7%) dos consumidores confia na autenticidade dos alimentos orgânicos que adquirem nas feiras livres. Percebe-se que há a necessidade em estabelecer a confiança entre produtores e consumidores das feiras livres. Nesse sentido, o selo de acreditação de produto orgânico tem o potencial de aumentar a confiança dos consumidores nos alimentos que adquirem. Conhecer as percepções e expectativas dos consumidores das feiras livres sobre a qualidade e segurança dos alimentos é de fundamental importância para a oferta de alimentos promotores da saúde fornecidos pela agricultura familiar e para a sustentabilidade das feiras livres nas cidades. Destaca-se que políticas públicas municipais precisam contemplar os produtores e os consumidores, reconhecendo as feiras livres como indispensáveis equipamentos de segurança alimentar e nutricional.

**PALAVRAS-CHAVE:** Chapecó. Consumo. Feiras livres. Segurança alimentar.

1 Agradecemos o apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).



Esta revista está licenciada sob a Creative Commons Attribution 4.0 License.

**CONSUMERS OF URBAN STREET MARKETS:  
PERCEPTIONS ABOUT FOOD SAFETY IN CHAPECÓ,  
STATE OF SANTA CATARINA**

**ABSTRACT**

This study aims to characterize the safety of food sold at open-air markets from the perspective of consumers. The research was carried out in the seven open-air markets in the municipality of Chapecó-SC, in operation in the second half of 2021. The study included a sample of 374 consumers over the age of 18 who answered a semi-structured questionnaire. The majority of participants (91.4%) are concerned about the presence of pesticides in the food sold at street markets and less than half (45.7%) of consumers trust the authenticity of the organic food they buy at street markets. It is clear that there is a need to establish trust between producers and consumers at open-air markets. In this sense, the organic product accreditation label has the potential to increase consumer confidence in the food they buy. Knowing the perceptions and expectations of consumers at open-air markets about food quality and safety is of fundamental importance for the supply of health-promoting food provided by family farming and for the sustainability of open-air markets in cities. It should be noted that municipal public policies need to take producers and consumers into account, recognizing free markets as indispensable food and nutritional security facilities.

**KEYWORDS:** Chapecó. Consumption. Free markets. Food security.

**CONSUMIDORES DE MERCADILLOS  
URBANOS: PERCEPCIONES SOBRE LA SEGURIDAD  
ALIMENTARIA EN CHAPECÓ, SC**

**RESUMEN**

Este estudio tiene como objetivo caracterizar la seguridad de los alimentos vendidos en mercados al aire libre desde la perspectiva de los consumidores. La investigación se realizó en los siete mercados al aire libre del municipio de Chapecó-SC, en funcionamiento en el segundo semestre de 2021. El estudio incluyó una muestra de 374 consumidores mayores de 18 años que respondieron a un cuestionario semiestructurado. La mayoría de los participantes (91,4%) están preocupados por la presencia de pesticidas en los alimentos vendidos en los mercados al aire libre y menos de la mitad (45,7%) de los consumidores confían en la autenticidad de los alimentos orgánicos que compran en los mercados al aire libre. Está claro que es necesario establecer una relación de confianza entre productores y consumidores en los mercados al aire libre. En este sentido, la etiqueta de acreditación de producto ecológico tiene el potencial de aumentar la confianza de los consumidores en los alimentos que compran. Conocer las percepciones y expectativas de los consumidores de los mercados al aire libre sobre la calidad y seguridad de los alimentos tiene una importancia fundamental para el suministro de alimentos beneficiosos para la salud proporcionados por la agricultura familiar y para la sostenibilidad de los mercados al aire libre en las ciudades. Es necesario que las políticas públicas municipales tengan en cuenta a productores y consumidores, reconociendo a los mercados al aire libre como espacios indispensables para la seguridad alimentaria y nutricional.

**PALABRAS CLAVE:** Chapecó. Consumo. Mercados libres. Seguridad alimentaria.

## 1 | INTRODUÇÃO

O consumidor, constitucionalmente, tem garantido o direito humano à alimentação adequada (DHAA) imbricado na segurança alimentar e nutricional (SAN), que se refere ao acesso regular e permanente aos alimentos em qualidade e quantidade suficiente (Brasil, 2006b; Maluf; Reis, 2013). No que tange à qualidade dos alimentos, o desejável é que estejam livres de contaminantes de natureza microbiológica, química sintética ou física e que não causem danos à saúde do consumidor (Embrapa, 2005). Por isso, a segurança dos alimentos perpassa pela cadeia produtiva desde o cultivo até o armazenamento, o transporte e a comercialização.

Novas redes de comercialização, com respaldo em valores relacionados à agricultura familiar na produção de alimentos tradicionais e sustentáveis, têm sido valorizadas pelo consumidor urbano, que busca alimentos saudáveis e de procedência garantida (Silva *et al.*, 2017). Nesse contexto, as feiras livres são espaços de segurança alimentar e nutricional das cidades que promovem o acesso aos alimentos de qualidade, sazonais, sustentados pela agricultura familiar e que são culturalmente apreciados pela população (Brasil, 2014; Jaime, 2019).

As feiras livres disponibilizam alimentos promotores da saúde e incentivam o seu consumo pela população que acessa estes espaços em todas as regiões brasileiras (Brasil, 2014; Jaime, 2019). Assim, estimulam-se hábitos alimentares saudáveis por meio da oferta de alimentos *in natura* ou minimamente processados considerados protetores contra as principais doenças crônicas não transmissíveis, tais como obesidade,

diabetes tipo 2, hipertensão, doenças cardiovasculares e câncer (WHO, 2003). Estes males estão presentes em populações que mantêm uma alimentação baseada em produtos ultraprocessados, desmedidos em calorias, desprovidos em nutrientes e excedidos em sal, gorduras prejudiciais, açúcares e aditivos químicos sintéticos, como conservantes, corantes e aromatizantes (Brasil, 2014).

Na perspectiva dos sistemas alimentares e circuitos de comercialização, o consumo responsável surge na tentativa de aproximar quem consome de quem produz (Gonçalves; Mascarenhas, 2018). As cadeias curtas de abastecimento de alimentos referem-se a qualquer forma de venda direta dos produtores aos consumidores, como é o caso das feiras livres, que possibilitam uma relação de confiança com os agricultores, estabelecendo uma interdependência saudável entre os ambientes rural e urbano (Schneider; Gazolla, 2017). O encurtamento das cadeias alimentares permite transparência de forma que o cidadão que consome o alimento possa ter informações exatas da procedência, de como ele foi produzido e, idealmente, do preço pago ao produtor (EPIAGRI, 2015). As cadeias curtas implicam a redução ou eliminação dos intermediários, encurtando o percurso de um alimento dentro do sistema agroalimentar (Giuca, 2012). Esta expressão é frequentemente usada em oposição aos sistemas de suprimento global de alimentos tradicionais baseados na produção em grande escala e padronização do produto (Bimbo *et al.*, 2015).

Neste cenário, o consumidor, quando decide o que comprar e onde comprar, pode apoiar cadeias mais solidárias. O apoio à produção e comércio local de alimentos fomenta a agricultura familiar com reflexos positivos na esfera econômica, ambiental, cultural e social (Gonçalves; Mascarenhas, 2018). Nesta perspectiva, a propriedade familiar produz alimentos diversificados nos modelos de produção, nomeadamente orgânico, agroecológico ou convencional pelo agricultor e sua família, especialmente legislada em módulos fiscais (Brasil, 2006a). Já o abastecimento de alimentos da maioria dos grandes supermercados é de produção convencional e concentra-se na monocultura, que ocupa grandes extensões de terra, utiliza quantidade excessiva de agrotóxicos e não se configura como uma opção saudável ao binômio saúde e ambiente (Maluf, 2021).

As discussões relacionadas à segurança, ao consumo e à origem dos alimentos têm se multiplicado (Carneiro *et al.*, 2015; Brasil, 2018; FAO, 2022). Dessa forma, o consumidor consciente está disposto a questionar acerca da qualidade dos alimentos sobre os benefícios à saúde, preços, procedência, meio de produção e cuidados ambientais envolvidos (Radomsky; Ávila, 2018). Esse consumidor pode reconhecer a importância de meios que comprovem a qualidade dos alimentos, como é o caso da certificação e que eles são necessários para que realmente possam optar por alimentos mais seguros, não só do ponto de vista nutricional e dietético, mas que também assegurem a soberania e segurança alimentar e nutricional (Maluf, 2017). Nesse contexto, o presente estudo visou caracterizar

a segurança dos alimentos comercializados em feiras livres da cidade de Chapecó, SC, na perspectiva dos consumidores. O estudo é relevante para a sustentabilidade das feiras livres, para a disponibilização de alimentos seguros, saudáveis e culturalmente apreciados pelos consumidores regionais.

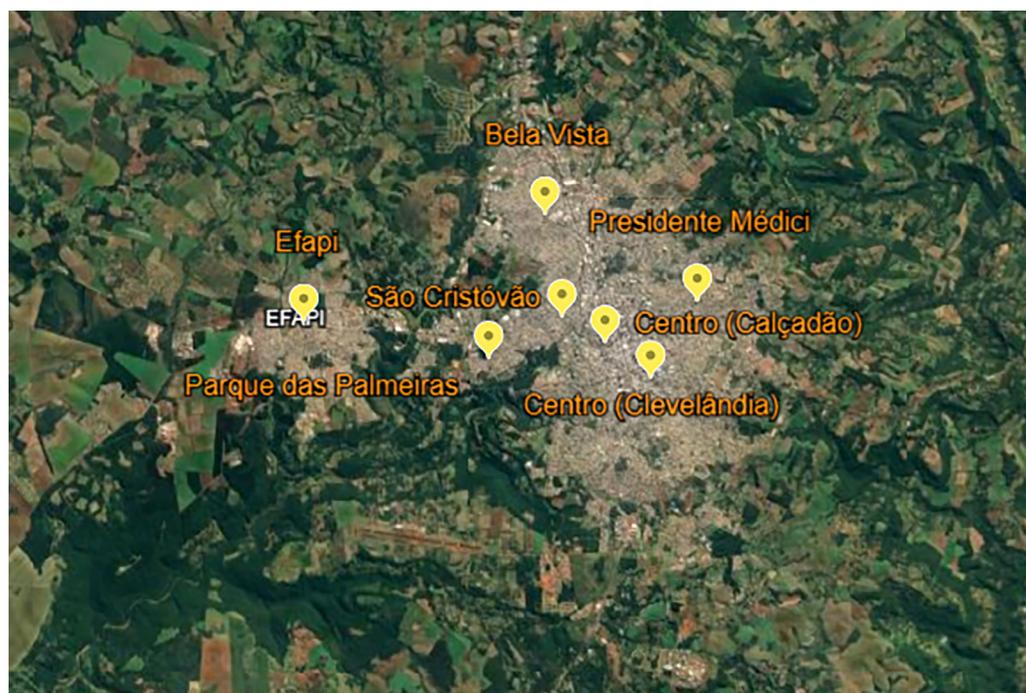
## 2 | METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa quantitativa, de caráter descritivo, exploratório e transversal. Teve como *locus* as sete feiras livres de Chapecó (Mapa 1) em funcionamento no segundo semestre de 2021. O estudo foi realizado com uma amostra de 374 consumidores, maiores de 18 anos, durante o mês de agosto de 2021, por meio da aplicação de um questionário semiestruturado, presencialmente pelos próprios pesquisadores.

Os consumidores foram abordados de forma aleatória e direta nos próprios espaços das sete feiras livres. Para investigar as percepções e as expectativas acerca da segurança dos alimentos que podem ser adquiridos nas feiras livres, os consumidores responderam questões relativas às condições sociodemográficas, motivação para adquirir os alimentos nas feiras livres, o vegetal *in natura* que mais compram, o que buscam em termos de qualidade e segurança dos alimentos assim como confiança, preço, frequência de aquisição nas feiras livres e se há preocupação com a presença de resíduos de agrotóxicos nos alimentos que adquirem.

Os dados coletados foram tabulados em um banco de dados gerado automaticamente para o *software Excel for Windows*. Para explorar os dados, utilizaram-se estatísticas descritivas de frequência (média e desvio padrão). As variáveis de natureza quantitativa foram submetidas à análise de distribuição empregando o teste de Shapiro-Wilk e comparadas em subgrupos aplicando-se os testes não paramétricos Mann-Whitney e Kruskal-Wallis. Foi utilizado o teste de associação de Chi-quadrado para testar a relação entre as variáveis de natureza qualitativa. Para estas análises, foram utilizados os softwares Past (Hammer *et al.*, 2001) e o *Statistical Package for Social Sciences (SPSS)* (IBM, 2013).

**Mapa 1.** Localização do Município de Chapecó (Latitude: - 27° 08' 15,23669"; Longitude: - 52° 35' 58,22430") com a localização das feiras.



Fonte: Google Earth, 2024. Editado pelos autores.

### 3 | RESULTADOS E DISCUSSÃO

A amostra de consumidores das feiras livres do município de Chapecó contemplada na pesquisa (n= 374) se constituiu majoritariamente pelo sexo feminino (59,4%) (Tabela 1).

O predomínio do sexo feminino em feiras livres também foi constatado por Ribeiro *et al.* (2022), em Juíz de Fora, MG, em que 65% dos consumidores eram do sexo feminino. Ainda que a análise situacional do panorama demográfico exposto no Plano Municipal de Saúde de Chapecó, gestão 2018-2021, demonstra que o número de mulheres (52,4%) residentes no município supera o número de homens (47,6%) (Chapecó, 2017), o estudo reforça que as compras em feiras livres são realizadas predominantemente por mulheres.

A média de idade das consumidoras (51,8 anos) foi menor do que no caso dos consumidores (57,5 anos) (Tabela 1). Esta constatação reflete as características específicas do público que frequenta as feiras livres e não a faixa etária da maioria dos habitantes, que se encontra entre 20 e 29 anos, tendência também observada no estado de Santa Catarina e no Brasil (Chapecó, 2017; Santa Catarina, 2019).

O público que habitualmente adquire alimentos em feiras livres é constituído por indivíduos que experienciaram o contato com a agricultura e a produção de alimentos anteriormente e se estabeleceram na cidade, já que a transição demográfica ocorreu mais acentuadamente a partir da década de 1980 (Chapecó, 2017). Esta conexão com a agricultura persiste, refletindo na busca por alimentos comercializados em feiras livres advindos da agricultura familiar e que atendem aos seus hábitos culturais. Esta tendência não é observada com a geração subsequente, que não teve esta conexão e que não constitui a maioria dos consumidores destes espaços, embora indiretamente seja beneficiada, pois os alimentos adquiridos nas feiras servem à mesa da família.

Quanto à cor, a maioria dos consumidores se autodeclarou branca (87,2%) (Tabela 1). Justifica-se este resultado pelo histórico de colonização da região com predomínio de descendentes de imigrantes europeus. Embora Chapecó e a região circunvizinha tenham tido em seu processo de formação histórica a presença de povos indígenas e caboclos, essas populações são hoje pouco frequentes em alguns espaços regionais (Renk, 1991), em especial nas feiras livres. Ressalta-se que a cidade recebe constantemente imigrantes, a exemplo de venezuelanos e haitianos (Antoniolli *et al.*, 2022), mas ainda não se observa nitidamente estas populações frequentando as feiras livres.

A maioria dos participantes relatou viver com companheiro/a (68,4%) (Tabela 1). Situação semelhante foi verificada em feiras livres na microrregião de Formiga, MG, em que a maioria dos consumidores eram casados ou estavam em regime de união estável (Costa; Andrade; Felipe, 2016; Cruz *et al.*, 2022). Os resultados encontrados, associados à literatura, corroboram a tendência desses consumidores em comprar não somente para o consumo próprio, mas também para outras pessoas que constituem a família. Pondera-se assim que, no mínimo, mais uma pessoa por família está sendo beneficiada pelos alimentos oriundos das feiras livres.

A maioria dos consumidores (97,9%) das feiras livres reside em Chapecó (Tabela 1). Esta constatação pode ser explicada pelo tamanho populacional e pela distribuição das feiras livres, localizadas em diferentes zonas da área urbana,

contemplando os bairros e o centro da cidade, para atender os habitantes. Nesse sentido, destaca-se que os alimentos produzidos são consumidos na própria cidade, atendendo ao gosto regional e encurtando as distâncias entre quem produz e quem consome (Cruz *et al.*, 2022).

Quanto à escolaridade, aproximadamente 2/3 da amostra relataram ter ensino médio completo ou mais (Tabela 1). No estado de Santa Catarina, a proporção de pessoas entre 25 e 34 anos com ensino superior completo em 2017 era de 19,7% (Santa Catarina, 2019). Os resultados desta pesquisa apontam que a escolaridade é um fator favorável aos consumidores na busca por alimentos mais saudáveis e seguros. O conhecimento é a interface entre o consumidor e a escolha em adquirir alimentos nas feiras livres.

Neves e Rodrigues (2021) apontam a importância de se identificar o perfil dos participantes da pesquisa nas feiras livres em relação à escolaridade e, com isso, inferir sobre o acesso à informação. Pessoas com menor grau de escolaridade têm menos acesso a informações confiáveis cientificamente embasadas, o que pode interferir na hora da escolha entre um produto orgânico certificado ou convencional ou ainda em relação ao aspecto nutricional.

Aproximadamente 3/4 da amostra declararam renda familiar mensal de até seis salários mínimos (Tabela 1). Esta constatação concorda com Costa, Andrade e Felipe (2016) que verificaram, em Minas Gerais, que 45% dos consumidores de feiras livres recebiam entre um e três salários mínimos, enquanto 10% possuíam renda de sete salários mínimos mensais ou mais. Em 2019, o salário médio dos trabalhadores formais em Chapecó era de 2,8 salários mínimos (IBGE, 2020).

Níveis de renda maiores, como os constatados na pesquisa, podem estar relacionados com o grau de escolaridade refletindo positivamente na renda. O estado de Santa Catarina tem a menor desigualdade de renda entre os estados brasileiros. No estado catarinense, a renda média é 25,9% maior do que a média brasileira e observa-se a menor proporção da população vivendo abaixo da linha de pobreza (8,5%) (Santa Catarina, 2019; IBGE, 2020). A renda autodeclarada dos consumidores reflete uma realidade na distribuição de renda do país, portanto as proporções de consumidores no estudo estão dentro do esperado.

A maioria dos participantes (92,4%) relatou que adquire alimentos nas feiras livres pelo menos uma vez por semana (Tabela 1). Esta informação se assemelha ao que verificaram Mazaro e Dalbianco (2017) em que 65% dos consumidores de feiras livres em Dom Pedrito, RS, as frequentavam semanalmente e 23,3% visitavam a feira em períodos quinzenais. Verona *et al.* (2009) verificaram que 60% dos consumidores de alimentos orgânicos das feiras livres de Chapecó realizavam compras uma vez por semana e 33%, duas vezes na semana. A frequência de compra reflete o hábito do consumidor, porque os vegetais *in natura* são perecíveis e, especialmente no caso das hortaliças folhosas, dificilmente perduram em condições de consumo por mais de uma semana, mesmo quando adequadamente armazenadas. Assim, a procura por alimentos frescos está atrelada à frequência de compra, ao poder aquisitivo do consumidor e à sazonalidade do alimento.

Tabela 1. Perfil sociodemográfico, idade e número de pessoas no domicílio dos consumidores das feiras livres de Chapecó/SC, 2021

Variável	n	%	Idade	p	Número de pessoas no domicílio	P
<b>Sexo</b>						
Feminino	222	59,4	51,8	U = 13156; p < 0,001	2,7	U = 16478; p < 0,69
Masculino	152	40,6	57,5		2,8	
<b>Cor autodeclarada</b>						
Branca	326	87,2	54,9	H = 8,08; p = 0,018	2,7	H = 2,83; p = 0,24
Parda	28	7,5	50,3		3	
Preta	20	5,3	45,7		2,6	
<b>Situação conjugal</b>						
Com companheiro(a)	256	68,4	54,6	U = 14846; p = 0,79	2,8	U = 8720; p < 0,001
Sem companheiro(a)	118	31,6	53,1		2,2	
<b>Local de residência</b>						
Chapecó	366	97,9	54,3	U = 912; p = 0,07	2,7	U = 1095; p = 0,20
Outras localidades	8	2,1	45,4		3,1	
<b>Escolaridade</b>						
Nunca frequentou escola	6	1,6	57,3	H = 58,01; p < 0,001	2,8	H = 6,48; p = 0,48
EF incompleto	64	17,1	65,1		2,4	
EF completo	30	8,0	58,6		2,9	
EM incompleto	25	6,7	51,2		3	
EM completo	102	27,3	52,3		2,7	
ES incompleto	9	2,4	37,2		2,8	
ES completo	90	24,1	51,6		2,9	
Pós-graduação	48	12,8	49,4		2,7	
<b>Renda familiar mensal (salários mínimos 2021)</b>						
Até três	166	44,4	56,1	H = 10,04; p = 0,04	2,5	H = 22,58; p < 0,001
Entre três e seis	111	29,7	53,7		2,9	
Entre seis e nove	51	13,6	51,4		2,9	
Entre nove e doze	19	5,1	50,9		3,1	
Mais de doze	27	7,2	50,9		3	
<b>Frequência de compras nas feiras livres</b>						
Duas a três vezes ao mês	28	7,5	48,7	H = 5,57; p = 0,14	2,8	H = 4,91; p = 0,018
Uma vez por semana	250	66,8	53,9		2,7	
Duas vezes por semana	94	25,1	56,1		2,9	
Três vezes por semana	2	0,5	58,5		2	

Fonte: os autores (2021). n: amostra (374); p: significância estatística; U: Teste de Mann-Whitney; H: teste de Kruskal-Wallis.

Foram identificados 10 grupos de alimentos de preferência do consumidor nas feiras livres, com destaque ao vegetal *in natura* alface (*Lactuca sativa* L.), mais frequentemente relatado nas compras pelos consumidores (58%), seguido das brássicas, tais como rúcula, couve folha, brócolis, repolho e agrião (13,9%) e a fruta banana (10,7%). Esta preferência corrobora com a afirmação da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) de que a alface é a principal hortaliça folhosa cultivada em todos os estados brasileiros e a mais consumida no Brasil (Embrapa, 2009).

Ao todo, 95,2% dos consumidores das feiras livres consideravam importante consumir alimentos livres de agrotóxicos e 91,4% se preocupavam com a presença de agrotóxicos nos alimentos (Tabela 2). Esta constatação concorda com Nascimento *et al.* (2020), que verificaram em feira livre de Dom Pedrito que a maioria dos consumidores apresentou maior preocupação com relação ao uso de agrotóxicos na produção de alimentos e, da mesma forma, se preocupava mais com os desdobramentos do uso dessas substâncias na saúde. Nesse sentido, a proteção à saúde deve ser prioridade e a produção e o consumo de alimentos são centrais para qualquer sociedade com consequências econômicas, sociais e ambientais (EUR-LEX, 2000). O acesso à informação dos consumidores acerca de danos causados por agrotóxicos pode estar associado ao padrão encontrado. À medida que se populariza a relação entre agrotóxicos e os danos à saúde, os indivíduos tendem a mudar ou, ao menos, questionar seu padrão de consumo alimentar (Pignati, 2012; Carneiro *et al.*, 2015; Inca, 2015).

Aproximadamente a metade dos consumidores (50,8%) afirmou confiar na qualidade dos alimentos convencionais, isto é, acredita que os alimentos produzidos no manejo convencional estejam dentro dos limites de segurança da legislação de resíduos de agrotóxicos e apenas 45,7% confiavam que os alimentos comercializados como orgânicos realmente são orgânicos (Tabela 2). Estes resultados sugerem que o consumidor ainda carece de evidências mais contundentes que confirmem a qualidade dos alimentos para fortalecer a confiança no sistema de cultivo e nos alimentos que adquire nas feiras. Estes achados apontam uma relação de desconfiança em relação à segurança dos alimentos convencionais e orgânicos comercializados nas feiras livres de Chapecó. Emerge a necessidade de se fortalecer a identidade destes espaços como equipamentos de segurança alimentar e nutricional que oferecem alimentos seguros. Salienta-se que independente das percepções apontadas pelos consumidores, ainda assim elegem as feiras como uma opção assertiva para adquirir alimentos que compõe sua dieta. Destaca-se que na pesquisa foram contabilizados 67 feirantes em atividade nas sete feiras livres, sendo 30 produtores de hortaliças e frutas e destes 17 eram produtores convencionais e 13 orgânicos (Ripke *et al.*, 2022).

Cruz *et al.* (2022) constataram que o produtor feirante é também o primeiro consumidor do que produz. Assim, pode-se inferir um cuidado com o padrão de qualidade que deve ter o produto levado à feira. Ressaltam ainda que, para chegar à excelência, os produtos dependem de fatores como procedência, sistema de cultivo e sanidade. Verona *et al.* (2009) conduziram um estudo nas feiras livres de Chapecó e constataram que 73% dos consumidores de alimentos orgânicos demonstraram confiança no sistema de cultivo orgânico. Ainda assim, a confiança nos alimentos orgânicos comercializados nas feiras livres de Chapecó diminuiu ao longo da última década.

A ascensão do mercado de alimentos orgânicos segue uma tendência mundial associada a um nível maior de segurança e saúde ao consumidor e menor impacto ambiental sobre organismos não alvo dos agrotóxicos (IPEA, 2020). Em todos os aspectos relacionados à segurança dos alimentos, é essencial que o consumidor seja uma parte interessada plenamente reconhecida e que as preocupações do consumidor sejam levadas em consideração. O acesso à informação fundamentada sobre a segurança dos alimentos e sobre os riscos da ingestão de alimentos contaminados com agrotóxicos devem fazer parte das políticas de proteção da vida do consumidor (Anvisa, 2019).

Para 70,9% dos consumidores, os preços dos alimentos in natura praticados nas feiras livres são equivalentes ou menores que os praticados nos supermercados (Tabela 2). Outros estudos demonstraram que os preços dos alimentos nas feiras livres flutuam, variam entre cidades, ao longo das estações, relacionam-se com variações do clima e com a oferta e demanda de alimentos (Oliveira; Lima, 2017; Watanabe; Luiz; Abreu, 2018; Cruz et al., 2022). Fante et al. (2020) constataram que, segundo os consumidores de alimentos das feiras livres, os preços diferem pouco dos praticados nos supermercados. Um estudo realizado em Nova Andradina, MS, demonstrou que os consumidores que frequentam a feira livre não reclamam do preço, pois acreditam que o preço estabelecido pelo produtor é um valor acessível para um produto com melhor qualidade do que os encontrados nos supermercados (SILVEIRA et al., 2017).

Segundo a percepção de 80,2% dos consumidores, a rotulagem e a certificação são importantes e, para 81%, as embalagens e apresentação dos alimentos in natura nas feiras livres são adequadas. Estas percepções dos consumidores não diferiram na amostra quanto à idade ou quanto ao número de pessoas por domicílio (Tabela 2).

Quanto à rotulagem, dentre as informações que os consumidores consideram necessárias estarem contidas nos rótulos das embalagens dos alimentos vegetais in natura comercializados em feiras livres, contabilizou-se a procedência dos alimentos (77,5%), se foram utilizados agrotóxicos no cultivo, armazenamento e transportes (63,4%), se é de produção da agricultura familiar (59,1%) e se o modo de cultivo é orgânico ou não (58,5%) (Quadro 1). Estas são informações importantes que poderiam estar expostas nos rótulos dos alimentos comercializados em feiras livres. Assim, os consumidores conseguiriam, cada vez mais, fazer suas escolhas de maneira consciente. Hupffer e Pol (2017) alertam para o direito à informação suficiente, adequada e verdadeira, inferindo a informação como uma das pilastras do direito do consumidor.

Quanto ao selo de certificação de produto orgânico, Verona *et al.* (2009) identificaram que somente 10% dos consumidores de feiras livres considerava indispensável o selo. Por outro lado, Kiyota *et al.* (2021) observaram, em Pato Branco, PR, que os consumidores atribuem credibilidade ao selo de certificação de orgânicos, pois não conseguem naturalmente distinguir um alimento orgânico de um não orgânico.

Silva, Melo e Melo (2016) verificaram que mais de 80% dos consumidores estão dispostos a pagar mais por produtos que têm o selo de certificação orgânica, pois eles tendem a valorizar o produto na presença do selo. Segundo o Cadastro Nacional de Produtores Orgânicos do Ministério da Agricultura, Pecuária

e Abastecimento (MAPA), em 2018, havia mais de 22 mil unidades de produção orgânica certificadas no Brasil, frente a pouco mais de 5 mil em 2010 (Ipea, 2020), o que demonstra um crescimento na oferta de alimentos orgânicos no país.

As hortaliças e frutas comercializadas nas feiras livres de Chapecó nem sempre estão acondicionadas em embalagens, mas quando utilizadas são de polietileno. Esta constatação corrobora o que Lopes (2014) identificou em feiras livres de Florianópolis, SC, onde 100% dos espaços acondicionavam os vegetais *in natura* em embalagens plásticas. Além disso, disponibilizavam aos consumidores sacolas plásticas para acomodar as compras. Diante do exposto, tipos diferentes de embalagens com impacto ambiental positivo como sacolas retornáveis, cestas confeccionadas com materiais sustentáveis, caixas de papelão e embalagem de papel reciclável poderiam substituir as embalagens atuais, menos sustentáveis.

**Tabela 2. Percepções dos consumidores acerca dos alimentos comercializados nas feiras livres de Chapecó/SC, comparando idade e número de pessoas residentes no domicílio, 2021**

Variável	n	%	Idade	p	Número de pessoas no domicílio	p
<b>Alimentos sem agrotóxicos são importantes</b>						
Sim	356	95,2	53,4	U = 2641; p = 0,21	2,7	U = 2840; p = 0,40
Não faz diferença	18	4,8	58,4		2,9	
<b>Confia na qualidade dos alimentos convencionais</b>						
Confia	190	50,8	54,1	H = 1,04; p = 0,59	2,7	H = 1,89; p = 0,39
Não confia	84	22,5	55		2,6	
Não sabe	100	26,7	53,3		2,8	
<b>Se preocupa com a presença de agrotóxicos nos alimentos</b>						
Sim	342	91,4	54,3	H = 1,96; p = 0,38	2,7	H = 1,99; p = 0,37
Não	10	2,7	57		2,7	
Não faz diferença	22	5,9	49,6		3,1	
<b>Confia na qualidade dos alimentos orgânicos</b>						
Sim	171	45,7	53,3	H = 2,16; p = 0,34	2,8	H = 1,18; p = 0,55
Não	92	24,6	56,1		2,6	
Não sabe	111	29,7	53,6		2,7	
<b>Avaliação de preços</b>						
Menor que o supermercado	93	24,9	51,1	H = 6,90; p = 0,14	2,9	H = 2,57; p = 0,63
Iguais ao supermercado	172	46	54,4		2,6	
Maior que o supermercado	92	24,6	57,2		2,8	
Muito maior que o supermercado	7	1,9	51,2		2,4	
Não sabe avaliar	10	2,7	50,2		2,6	

<b>Rotulagem e certificação são importantes</b>						
Sim	300	80,2	50,6	H = 1,34; p = 0,51	2,7	H = 2,06; p = 0,36
Não	69	18,4	52,2		2,7	
Não sabe avaliar	5	1,3	51		3,4	
<b>Embalagem e apresentação são adequados</b>						
Sim	303	81	54,3	H = 0,42; p = 0,80	2,7	H = 0,83; p = 0,66
Não	10	2,7	51,3		3	
Em parte	61	16,3	53,4		2,6	

Fonte: os autores (2021). n: amostra (374); p: significância estatística; U: Teste de Mann-Whitney; H: teste de Kruskal-Wallis.

Observou-se correlação positiva e significativa entre a idade dos consumidores e a frequência de compra nas feiras livres ( $r_s = 0,11$ ;  $p = 0,04$ ). O total de pessoas residentes no domicílio e o total de menores no domicílio não apresentaram correlação com a frequência de compras nas feiras livres ( $p > 0,05$ ).

As variáveis sexo, cor autodeclarada, estado civil, município de residência, escolaridade, renda familiar mensal e frequência de compras nas feiras livres não apresentaram associações significativas ( $p > 0,05$ ) com a percepção de que alimentos sem agrotóxicos são importantes, confiança na qualidade dos alimentos adquiridos nas feiras livres, preocupação com a presença de agrotóxicos nos alimentos, confiança de que os alimentos orgânicos são realmente orgânicos, avaliação de preços, importância da rotulagem e certificação dos alimentos e adequação e apresentação das embalagens dos alimentos. A única exceção verificada foi a associação significativa entre a renda familiar mensal com a percepção de adequação e apresentação das embalagens dos alimentos em feiras livres ( $X^2 = 19,3$ ;  $p = 0,01$ ).

Verificou-se associação significativa ( $X^2 = 9,9$ ;  $p = 0,07$ ) entre a importância de alimentos sem agrotóxicos e a preocupação com a presença de agrotóxicos nos alimentos. Também foi verificada associação significativa ( $X^2 = 100,2$ ;  $p < 0,001$ ) entre a confiança na qualidade dos alimentos comercializados nas feiras livres e a confiança de que os alimentos orgânicos são realmente orgânicos. Ainda, a confiança na qualidade dos alimentos comercializados nas feiras livres apresentou associação significativa ( $X^2 = 16,3$ ;  $p = 0,003$ ) com a adequação e apresentação das embalagens dos alimentos.

A preocupação com a presença dos agrotóxicos nos alimentos apresentou associação significativa ( $X^2 = 11,3$ ;  $p = 0,02$ ) com a percepção de importância de rotulagem e certificação dos alimentos. A percepção de importância de rotulagem e certificação dos alimentos apresentou associação significativa ( $X^2 = 10,5$ ;  $p = 0,003$ ) com a percepção de adequação e apresentação das embalagens dos alimentos.

As feiras livres localizadas na área central da cidade são as mais frequentadas, segundo o relato dos consumidores, sendo que as duas feiras livres situadas nesta área são maiores e têm melhor estrutura física se comparadas com as outras cinco feiras livres distribuídas nos bairros. Nas feiras centrais circulam mensalmente maior número de pessoas e a oferta de produtos é maior se comparada às dos bairros (Chapecó, 2021). Radomsky e Ávila (2018) destacam que a localização central das feiras livres contribui para o vasto volume de consumidores por estarem próximas

às grandes avenidas e por ter maior fluxo de transporte coletivo. Corona, Vasques e Godoy (2018) já apontavam que as feiras livres centrais de Chapecó são as mais antigas e dispõem de melhor estrutura para atendimento aos consumidores. Por outro lado, a centralização das feiras colabora para a formação dos chamados desertos alimentares em que a periferia fica desassistida pela oferta e acesso aos alimentos saudáveis produzidos pela agricultura familiar (Larsen; Gilliland, 2008).

Michelam *et al.* (2020) ponderam que as cidades inteligentes e sustentáveis são atualmente vistas como o futuro e que o modelo de desenvolvimento urbano baseado no conhecimento (DUBC) pode contribuir ao oferecer uma abordagem multidimensional e integrada para o planejamento urbano estratégico que inclui a implementação de tecnologias urbanas, desenvolvidas para melhorar a qualidade de vida dos cidadãos e a eficiência dos serviços. Nesse sentido, a aproximação das feiras livres aos consumidores poderia passar por transformações estratégicas de planejamento urbano.

Quanto aos motivos que levam os consumidores a adquirirem os alimentos em feiras livres, destacam-se: qualidade dos alimentos (71,9%), alimentos frescos (63,4%), alimentos orgânicos (43,8%) e confiança na origem dos alimentos (43,3%) (Quadro 1).

Estes resultados concordam com Fante *et al.* (2020) que verificaram semelhantes razões que levam os consumidores a comprar em feiras livres, destacando os alimentos orgânicos e frescos, tradição e preços, assim como Brandão *et al.* (2015) que identificaram que a qualidade dos vegetais e a tradição de comprar em feiras eram os principais motivos. Os motivos para comprar em feiras livres são diversos, mas a qualidade do alimento atrelada à saúde se destaca. Kiyota *et al.* (2021) verificaram, em Pato Branco, PR, que os consumidores adquirem alimentos orgânicos em feiras livres pela saúde que estes alimentos podem propiciar à família. Verifica-se no estudo que os consumidores, embora não confiem plenamente na qualidade dos alimentos, ainda assim inferem qualidade maior daqueles das feiras em relação aos adquiridos em outros lugares.

Para 38,5% dos consumidores, resíduos de agrotóxicos nos alimentos “são prejudiciais à saúde”, 16% relataram que, “com o passar do tempo, os agrotóxicos causam doenças” e, para 9,1%, “é preocupante, errado e ruim” (Quadro 1). Para a maioria dos consumidores, as percepções foram negativas em relação aos agrotóxicos nos alimentos. As percepções dos consumidores são únicas e expõem que a maioria tem conhecimento de que agrotóxicos em alimentos prejudicam a saúde. De maneira mais aprofundada, a literatura científica aponta que os agrotóxicos estão relacionados com doenças como câncer, infertilidade, autismo, mal de Parkinson, doença de Alzheimer, agem como disruptores endócrinos e provocam alteração da microbiota intestinal (Pignati, 2012; Samsel; Sanneff, 2013; Carneiro *et al.*, 2015; Inca, 2015; Hess, 2017; Iarc, 2017).

Sobre as sugestões de melhorias nas feiras livres, para 48,9% dos participantes “está bom assim”, para 14,2% “precisa haver maior variedade de alimentos” e para 13,9% é necessário “melhorar o acesso, estacionamento e estrutura física, tornar as feiras livres um espaço de convivência social e acesso aos alimentos saudáveis”. Outras categorias menos frequentes foram relatadas (Quadro 1). Os participantes se dividem quanto às percepções acerca da estrutura das feiras livres. Vasques (2016) identificou que a variedade e a dinâmica de cada feira estão diretamente ligadas à estrutura física e à demanda por parte dos consumidores. Enfatiza ainda

que, enquanto nas feiras do centro da cidade a estrutura é adequada, as feiras dos bairros, em geral, estão significativamente fragilizadas, refletindo na demanda e, conseqüentemente, na variedade dos produtos comercializados.

Michelon, Molina e Costa (2009) verificaram que uma das principais falhas detectadas por consumidores de feiras livres de Paçandu, PR, estava relacionada à irregularidade de oferta de produtos diferenciados, principalmente no que tange à oferta de produtos orgânicos. A pouca variedade de alimentos oferecida é uma realidade que atinge todas as feiras livres, pois depende da produção sazonal, fato que limita a variedade de alimentos para a comercialização. A escassez de variedade de alimentos orgânicos em uma região pode ser suprida por outra região que esteja produzindo, desta forma a troca de produtos entre os produtores com certificação pode superar esta lacuna.

**Quadro 1. Expectativa, preços e sugestões dos consumidores acerca dos alimentos vegetais *in natura* (hortaliças e frutas) comercializados em feiras livres de Chapecó/SC, 2021**

<p><b>Motivo pelo qual adquire alimentos em feiras livres (n= 374; 100%):</b></p> <p>Qualidade (n= 269; 71,9%); Alimentos frescos (n= 237; 63,4%); Orgânicos (n= 164; 43,8%); Confiança (n= 162; 43,3%); Preço (n= 87; 23,5%); Proximidade do local em que reside e comodidade (n=4; 1,1%); Apoio ao agricultor familiar e valorização da feira (n=3; 0,8%).</p>
<p><b>Percepções sobre resíduos de agrotóxico em alimentos vegetais <i>in natura</i> (n=374; 100%):</b> “Agrotóxicos são prejudiciais à saúde” (n= 144; 38,5%); “Com o passar do tempo os agrotóxicos causam doenças” (n= 60; 16,0%); “É preocupante, errado e ruim” (n= 34; 9,1%); “É um mal necessário para melhorar a produção, mas faz mal à saúde” (n= 28; 7,5%); “Não deveria existir” (n= 26; 6,9%); “Os alimentos deveriam ser livres de agrotóxicos” (n= 15; 4,0%); “Causam câncer” (n= 11; 3,0%); “É importante fiscalizarem a quantidade de agrotóxicos que utilizam na produção dos alimentos” (n= 9; 2,4%); “Deveria existir outra maneira de produzir” (n= 9; 2,4 %); “O excesso de agrotóxicos prejudica à saúde” (n= 9; 2,4%); “São venenos e podem fazer mal à saúde” (n= 8; 2,1%); “Não faz diferença se utilizam” (n= 8; 2,1%); “Não se sabe a quantidade que tem nos alimentos” (n=6; 1,6%); “Má qualidade de vida” (n=5; 1,3%); Não opinaram (n= 5; 1,3%).</p>
<p><b>Sugestões para melhorias das feiras livres (n=374; 100%):</b></p> <p>“Está bom assim” (n= 183; 48,9%); “Precisa maior variedade de alimentos” (n= 53; 14,2%); “Melhorar o acesso, estacionamento e estrutura física, tornar as feiras livres em um espaço de convivência social e acesso a alimentos saudáveis” (n= 52; 13,9%); “Usar embalagens recicláveis e especificar no rótulo a procedência do alimento” (n= 28; 7,5%); “Preços mais acessíveis” (n= 25; 6,7%); “Certificação, maior frequência de funcionamento das feiras livres, aceitar cartão de crédito, fiscalização e balanças calibradas” (n= 20; 5,3%); “Melhorar a exposição dos alimentos, protegê-los do sol” (n= 16; 4,3%); “Mais feirantes e melhor atendimento” (n= 14; 3,7%); “As feiras deveriam vender somente alimentos orgânicos produzidos pela agricultura familiar” (n= 12; 3,2%); “Aumentar a divulgação” (n= 9; 2,4%); “Padronização e identificação visual das barracas, deixar claro quem são de produção orgânicas e quem não é” (n= 8; 2,1%).</p>
<p><b>Considera importante estar explícito no rótulo da embalagem dos vegetais <i>in natura</i> que adquire nas feiras livres (n= 374; 100%):</b></p> <p>Procedência dos alimentos, localidade onde foi produzido (n= 290; 77,5%); Se foi utilizado agrotóxicos no cultivo, armazenamento e transporte e quais agrotóxicos foram utilizados (n= 237; 63,4%); Se é de produção da agricultura familiar (n= 221; 59,1%); Modo de cultivo orgânico ou não (n= 219; 58,5%); Se é de produção sustentável com cuidados ao meio ambiente (n= 195; 52,1%); Se é produto transgênico (n= 119; 31,8%).</p>

Fonte: os autores (2021).

## 4 | CONCLUSÃO

A pesquisa demonstrou que considerável parcela dos consumidores das feiras livres de Chapecó não confia totalmente na qualidade dos alimentos convencionais quanto aos níveis de agrotóxicos que possam estar presentes e nem nos orgânicos como autênticos. Salienta-se a necessidade em estabelecer a confiança entre produtores e consumidores, pois os consumidores se dividem quanto à percepção de segurança dos alimentos comercializados nas feiras. Nesse sentido, o selo de acreditação de produto orgânico tem o potencial de aumentar a confiança dos consumidores nos alimentos que adquirem nas feiras livres.

Por outro lado, os consumidores das feiras livres chapecoenses preferem adquirir alimentos nesses espaços, ainda que não haja a garantia formal de segurança dos alimentos quanto ao modo de produção e uso de agrotóxicos. Buscam nas feiras livres alimentos *in natura*, que remonta sua conexão com a agricultura e o modo simples de viver e de se nutrir. Nesse sentido, a agricultura familiar tem a missão de manter a sustentabilidade das feiras livres com a oferta de alimentos que culturalmente o consumidor busca consumir.

As feiras livres são espaços tradicionais e, sobretudo, movimentam a economia urbana com a oferta de alimentos promotores da saúde. Dessa forma, políticas públicas municipais precisam contemplar os produtores e os consumidores, reconhecendo as feiras livres como equipamentos de segurança alimentar e nutricional que ofertam alimentos de qualidade. ■

Recebido em: 24-05-2023

Aceito em: 18-07-2023

## REFERÊNCIAS

- ANTONIOLLI, Marínes Amábile; COPATTI, Anieli da Costa; RIPKE, Marcia Orth; RADUNZ, Amanda Fabres Oliveira; LUTINSKI, Junir Antonio; BUSATO, Maria Assunta; CORRALO, Vanessa da Silva. Comunicação entre profissionais de saúde e imigrantes haitianos: uma experiência de aproximação ensino-serviço para redução de vulnerabilidades em tempos de pandemia. In: BUSATO, Maria Assunta; LUTINSKI, Junir Antonio (Org.). *Epidemiologia Socioambiental em Tempos de Covid-19*. Chapecó: Argos, 2022.
- ANVISA. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. *Programa de Análise de Resíduos de Agrotóxicos em Alimentos –PARA*. Relatório das amostras analisadas no período de 2017-2018, Primeiro ciclo do plano plurianual 2017-2020. Brasília: Agência Geral de Toxicologia, 2019.
- BIMBO, Francesco; BONANNO, Alessandro; NARDONE, Gianluca; VISCECCHIAD, Rosaria. *The Hidden benefits of short food supply chains: Farmers' markets density and body mass index in Italy*. *International Food and Agribusiness Management Review*(IFAMA), v. 18, n. 1, p. 1-16, 2015. Disponível em: <https://www.ifama.org/resources/Documents/v18i1/Bimbo-Bonanno-Nardone.pdf>. Acesso em: 22 set. 2023.
- BRANDÃO, Antonio de Amorim; COSTA, Cândido Alves da; GALIZONI, Flávia Maria; CAVALCANTE, Thâmara Figueredo Menezes; NEVES, Agatha Corrêa. Perfil socioeconômico dos consumidores de hortaliças em feiras livres na microrregião de Januária. *Revista Horticultura Brasileira*, v. 33, n. 1, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1590/hb.v33i01.126>
- BRASIL. Lei n. 11.326, de 24 de julho de 2006. *Estabelece as diretrizes para a formulação da Política Nacional da Agricultura Familiar e Empreendimentos Familiares Rurais*. Brasília: Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, 2006a.
- BRASIL. Lei n. 11.346, de 15 de setembro de 2006. *Lei Orgânica de Segurança Alimentar e Nutricional*. Diário Oficial da União, Brasília, 2006b.
- BRASIL. *Guia Alimentar Para a População Brasileira*. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. 2.ed. Brasília, 2014.
- BRASIL. Ministério da Saúde. *Segurança dos alimentos, responsabilidade de todos! Dia mundial da segurança dos alimentos*. Assembleia geral das Nações Unidas, 2018. Disponível em: <https://bvsm.s.saude.gov.br/07-6-seguranca-dos-alimentos-responsabilidade-de-todos-dia-mundial-da-seguranca-dos-alimentos/#nav>. Acesso em: 17 de abr. 2023.
- CARNEIRO, Fernando Ferreira; RIGOTTO, Raquel Maria; AUGUSTO, Lia Giraldo da Silva; FRIEDRICH, Karen; BÚRIGO, André Campos. *Dossiê Abrasco: um alerta sobre os impactos dos agrotóxicos na saúde*. Rio de Janeiro: Expressão Popular, 2015.
- CHAPECÓ. Prefeitura municipal de Chapecó. *Plano Municipal de Saúde*. Gestão 2018-2021, 2017.
- CHAPECÓ. *Prefeitura Municipal de Chapecó*. Sedema. 2021.
- CORONA, Hieda Maria Pagliosa; VASQUES, Samuel Tafernaberrri Vasques; GODOY, Wilson Itamar. Dinâmicas socioeconômicas dos feirantes agricultores familiares de Chapecó (SC). *Revista Redes*, v. 23, n. 1, p. 237-261, 2018. DOI: <https://doi.org/10.17058/redes.v23i1.10532>
- COSTA, Danielle Martins Duarte; ANDRADE, Diego César Terra de; FELIPE, Samara Luis. Análise do comportamento dos consumidores de feiras livres na microrregião de Formiga (MG). *Revista Agrogeoambiental*, v. 8, n. 4, p. 33-45, 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.18406/2316-1817v8n42016870>
- CRUZ, Maria Sirlene da; RIBEIRO Eduardo Magalhães; PERONDI, Miguel Angelo; ARAUJO, Alexandre Moura; MALTEZ, Marcos Antonio Pereira da Fonseca. Comprando qualidade: costume, gosto e reciprocidade nas feiras livres do Valo do Jequitinhonha. *Revista de Economia e Sociologia Rural*, v. 60, n. Especial, e245926, 2022. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1806-9479.2021.245926>

- EIPAGRI. *Focus Group Innovative Short Food Supply Chain Management*. Final Report. Nov. 2015. Disponível em: [https://ec.europa.eu/eip/agriculture/sites/default/files/eip-agri\\_fg\\_innovative\\_food\\_supply\\_chain\\_management\\_final\\_report\\_2015\\_en.pdf](https://ec.europa.eu/eip/agriculture/sites/default/files/eip-agri_fg_innovative_food_supply_chain_management_final_report_2015_en.pdf). Acesso em: 22 set. 2023.
- EMBRAPA. Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. Embrapa Hortaliças. Comunicado Técnico. *Tipos de alfaces cultivados no Brasil*. Brasília, 2009. Disponível em: <https://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/infoteca/bitstream/doc/783588/1/cot75.pdf>. Acesso em: 05 abr. 2023.
- EMBRAPA. Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. *Boas práticas agrícolas na produção de alimentos*. Brasília: Embrapa transferência de tecnologia. Série qualidade e segurança dos alimentos, 2005. Disponível em: <http://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/infoteca/handle/doc/854892>. Acesso em 17 abr. 2023.
- EUR-LEX. *Livro Branco sobre segurança alimentar*. Documento 51999DC0719, 2000. Disponível em: <https://eur-lex.europa.eu/legal-content/PT/TXT/PDF/?uri=CELEX:51999DC0719&from=ES>. Acesso em 17 abr. 2023.
- FANTE, Camila; GALLINA, Luciana Souza; CONFORTIN, Fernanda Grison; LUTINSKI, Junir Antonio. Perfil e preferências dos consumidores de produtos em feiras livres na cidade de Chapecó (SC). *Revista Saúde*, v. 46, n. 1, 2020. DOI: <https://doi.org/10.5902/2236583441701>
- FAO. *The Estate of Food Security and Nutrition in the World*. Food and Agriculture Organization of the United Nations Chapter I, 2022. Disponível em: <https://www.fao.org/3/cc0639en/online/sofi-2022/introduction.html>. Acesso em 15 ago. 2023.
- GIUCA, Sabrina. *Conoscere la filiera corta*. In: GIARÉ, Francesca.; GIUCA, Sabrina (Org.). *Agricoltori e filiera corta: profili giuridici e dinamiche socioeconomiche*. Roma: INEA, p. 1130, 2012. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/263297732\\_Agricoltori\\_e\\_filiera\\_corta\\_Profili\\_giuridici\\_e\\_dinamiche\\_socio-economiche](https://www.researchgate.net/publication/263297732_Agricoltori_e_filiera_corta_Profili_giuridici_e_dinamiche_socio-economiche). Acesso em: 22 set. 2023.
- GONÇALVES, Juliana; MASCARENHAS, Thais. Grupo de consumo responsável no Brasil: aproximando consumidores e produtores em redes agroecológicas e solidárias. In: PEREZ-CASSARINO, J; TRICHES, R. M; BACCARIN, J. G; TEO, C. R. P. A. (Org.). *Abastecimento Alimentar Redes alternativas e Mercados Institucionais*. Chapecó: Editora UFFS, edições Uni-CV, 2018.
- HAMMER, Ø.; HARPER, D. T. A.; RYAN, P. D. *Past: Paleontological statistics software package for education and data analysis*. Versão 1.37, 2001.
- HESS, Sonia Corina. *Ensaio sobre poluição e doenças no Brasil*. São Paulo: Outras Expressões, 2018.
- HUPFFER, Haide Maria; POL, Jeferson Jeldoci. O direito de escolha do consumidor e a necessária informação sobre alimentos com agrotóxicos. *Revista NOMOS*, v. 37, n. 2, p. 41-67, 2017. Disponível em: [https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/30501/1/2017\\_art\\_hmhupffer.pdf](https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/30501/1/2017_art_hmhupffer.pdf). Acesso em: 17 abr. 2023.
- IARC. International Agency for Research on Cancer. World Health Organization. IARC monographs on the evaluation of carcinogenic risks to humans. *Some organophosphate insecticides and herbicides*, v. 112, 2017. Disponível em: <https://www.iarc.who.int/wp-content/uploads/2018/07/MonographVolume112-1.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2023
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. *Brasil em Síntese. Cidades*, 2020.
- IBM CORP. *IBM SPSS® Statistics for Windows, Version 22.0*. Armonk, NY: IBM Corp, 2013.
- INCA. Instituto Nacional do Câncer. *Posicionamento do Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva acerca dos agrotóxicos*. Brasília, nota técnica n. 010, 2015. Disponível em: <https://www.inca.gov.br/publicacoes/notas-tecnicas/posicionamento-do-inca-acerca-dos-agrotoxicos>. Acesso em: 03 fev. 2023

IPEA. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. *Demanda crescente estimula a produção orgânica no Brasil e no mundo*, 2020. Disponível em: <https://ciorganicos.com.br/noticia/ipea-producao-global-de-organicos-aumentou-11-entre-2000-e-2017/>. Acesso em: 03 abr. 2023.

JAIME, Patrícia Constante. *Políticas públicas de alimentação e nutrição*. Rio de Janeiro: Atheneu, 2019.

KIYOTA, Norma; TOMAZINI, Cecília Eduarda Gnoatto; QUINAGLIA, Giovana Diniz Pinto; PILATTI, Gabriela. Relações de confiança nas feiras livres de produtos orgânicos e artesanais dos bairros de Pato Branco-PR. *Revista Grifos-Unochapecó*, v. 30, n. 54, 2021. DOI: <https://doi.org/10.22295/grifos.v30i54.5914>.

LARSEN, Kristian; GILLILAND, Jason. Mapping the evolution of 'food deserts' in a Canadian city: Supermarket accessibility in London, Ontario, 1961–2005. *International Journal of Health Geography*, v. 7, n. 18, 2008. DOI: [10.1186/1476-072X-7-16](https://doi.org/10.1186/1476-072X-7-16)

LOPES. Lariane Hartmann. *Feiras livres em Florianópolis – SC: práticas sustentáveis na comercialização de frutas, legumes e verduras in natura*. 2014. Dissertação (Mestrado em Nutrição) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

MALUF, Renato Sérgio. Abastecimento alimentar, inflação de alimentos e o contexto urbano no Brasil. In: MALUF, Renato Sérgio; FLEXOR, Georges (Org.). *Questões agrárias, agrícolas e rurais: conjunturas e políticas públicas*. Rio de Janeiro: E-Papers, 2017.

MALUF, Renato Sérgio. Decentralized food systems and eating in localities: a multi-scale approach. *Revista de Economia e Sociologia Rural*, v. 59, n. 4, e238782. 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1806-9479.2021.238782>

MALUF, Renato Sérgio; REIS, Márcio Carneiro dos. Segurança alimentar e nutricional na perspectiva sistêmica. In: ROCHA, Cecília; BURLANDY, Luciene; MAGALHÃES, Rosana (Org.). *Segurança alimentar e nutricional: perspectivas, aprendizados e desafios para as políticas públicas*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2013.

MAZARO, Bruna Dalcol; DALBIANCO, Vinicius Piccini. *Preferências do consumidor da feira livre de Dom Pedrito*. 2017. Trabalho de conclusão de curso (Especialização em Gestão e Inovação do Agronegócio) – Universidade Federal do Pampa, Dom Pedrito, 2017. Disponível em: <https://dspace.unipampa.edu.br/bitstream/riu/4437/1/BRUNA%20DALCOL%20MAZARO.pdf>. Acesso em: 16 abr. 2023.

MICHELAM, Larissa Diana; CORTESE, Tatiana Tucunduva Philippi; YIGITCANLAR, Tan; VILS, Leonardo. Knowledge-based urban development as a strategy to promote smart and sustainable cities. *Journal of Environmental Management & Sust.*, v. 9, n. 1, p. 1-19, e18740, 2020. DOI: <https://doi.org/10.5585/geas.v9i1.18740>

MICHELLON, Ednaldo; MOLINA, Simone Correa; COSTA, Thiago Ribeiro. Feira do produtor rural pela visão dos consumidores. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DE PRODUÇÃO CIENTÍFICA, 6., Maringá, 27-30 de outubro de 2009. *Anais...* Maringá: Cesumar, 2009. Disponível em: [https://www.unicesumar.edu.br/epcc-2009/wp-content/uploads/sites/77/2016/07/simone\\_correia\\_molina.pdf](https://www.unicesumar.edu.br/epcc-2009/wp-content/uploads/sites/77/2016/07/simone_correia_molina.pdf). Acesso em: 09 abr. 2023

NASCIMENTO, Shirley Grazielli da Silva; HANKE, Daniel; ÁVILA, Mariana Rockenbach de; ROSA, Manoel Alex Tâmara da; VARGAS, Damaris. Percepções sobre consumo e produção de alimentos: uma análise na feira livre de Dom Pedrito-RS. *Revista Brasileira de Agropecuária Sustentável*, v. 10, n. 1, 2020. DOI: <https://doi.org/10.21206/rbas.v10i1.8164>

NEVES, Wânia dos Santos; RODRIGUES, Edvirges Conceição. Mercado e preferência de consumo de produtos sem agrotóxicos. In: SOUSA, Carla da Silva; LIMA, Francisco de Sousa; SABIONI, Sayonara Cotrim (Org.). *Agroecologia: métodos e técnicas para uma agricultura sustentável*. Guarujá: Científica digital, 2021. DOI: [10.37885/978-65-87196-94-7](https://doi.org/10.37885/978-65-87196-94-7)

OLIVEIRA, Maurício Souza de; LIMA, José Raimundo de Oliveira. Feiras livres: uma manifestação natural e espontânea de economia popular e solidária. XV SEMANA DE ECONOMIA DA UESB – A conjuntura econômica atual e os desafios ao desenvolvimento, 15., Feira de Santana, 2017. *Anais...* Disponível em: [http://www2.uesb.br/eventos/semana\\_economia/2016/?pagina=aprovados](http://www2.uesb.br/eventos/semana_economia/2016/?pagina=aprovados). Acesso em: 23 fev. 2023.

PIGNATI, Wanderlei. Os efeitos dos agrotóxicos na saúde humana. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL CONTRA OS AGROTÓXICOS E PELA VIDA, 1., Curitiba, 2012. *Anais...* Curitiba: Fórum estadual de combate aos agrotóxicos do Paraná, 2012. Disponível em: [https://meioambiente.mppr.mp.br/arquivos/File/EFEITO\\_DOS\\_AGROTOXICOS\\_PIGNATI.pdf](https://meioambiente.mppr.mp.br/arquivos/File/EFEITO_DOS_AGROTOXICOS_PIGNATI.pdf). Acesso em: 23 abr. 2023.

RADOMSKY, Guilherme Francisco Waterloo; ÁVILA, Michele Leão de Lima. Riscos, qualidades e sociabilidades em feiras: a perspectiva de feirantes em dois espaços de comercialização em Porto Alegre, RS. *Ciências Sociais em Perspectiva*, v. 17, n. 32, p. 80-99, 2018. DOI: <https://doi.org/10.48075/revistacsp.v17i32.16048>

RENK, Arlene. *A colonização do oeste catarinense: As representações dos brasileiros. Cadernos do CEOM*, v. 5, n. 7, 1991.

RIBEIRO, Natália Ruza; MARTINS, Brenda Xavier; MARQUES, Nadine Piller Albino; CAMPOS, Isabel Cristina Soares; FIGUEIREDO, Priscila Cintra; BINOTI, Mirella Lima. Satisfação e perfil socioeconômico e demográfico dos consumidores das feiras livres de Juiz de Fora-MG. *Caderno Saúde Coletiva*, v. 30, n. 3, p. 431-438, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/1414-462X202230030046>

RIPKE, Marcia Orth; CORRALO, Vanessa da Silva; LUTINSKI, Junir Antonio. Safety of foods sold in street fairs: analysis of pesticide residues in lettuce (*Lactuca sativa* L.) *Brazilian Journal of Environmental Sciences*, v. 57, n. 3, p. 467-476, 2022. DOI: <https://doi.org/10.5327/Z2176-94781376>

SAMSEL, Antoni; SANEFF, Stephanie. Glyphosate's suppression of Cytochrome P450 enzymes and amino acid biosynthesis by the gut microbiome: pathways to modern diseases. *Entropy*, v. 15, n. 4, p. 1416-1463, 2013. DOI: <https://doi.org/10.3390/e15041416>

SANTA CATARINA. Secretaria de Estado da Saúde de Santa Catarina. *Plano Estadual de Saúde 2020-2023*. Florianópolis, 2019. Disponível em: <https://www.saude.sc.gov.br/index.php/informacoes-gerais-documentos/planejamento-em-saude/instrumentos-de-gestao-estadual/plano-estadual-de-saude>. Acesso em: 03 abr. 2023.

SCHNEIDER, Sérgio; GAZOLLA, Márcio. Cadeias curtas e redes agroalimentares alternativas. In: SCHNEIDER, Sérgio; GAZOLLA, Márcio (Org.). *Cadeias curtas e redes agroalimentares alternativas – negócios e mercados da agricultura familiar*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2017.

SILVA, Juliana Sales; MELO, Vicente Francisco Sales; MELO, Sônia Rebouças da Silva. Selo de certificação de produto orgânico: o consumidor se importa? *Revista Alcance*, v. 23, n. 4, p. 513-528, 2016. DOI: <https://doi.org/10.14210/alcance.v23n4>

SILVA, Monica Nardini da; CECCONELLO, Samanta Tolentino; ALTEMBURG, Shirley Grazieli Nascimento; SILVA, Fernanda Novo da; BECKER, Cláudio. A agricultura familiar e os circuitos curtos de comercialização de alimentos: estudo de caso da feira livre do município de Jaguarão, RS, Brasil. *Revista Espacios*, v. 38, n. 47, 2017. Disponível em: <https://www.revistaespacios.com/a17v38n47/a17v38n47p07.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2023.

SILVEIRA, Vitor Cardoso; OLIVEIRA, Emilly Santi; MARIANI, Milton Augusto; SILVEIRA, Natália Fernandes. Avaliação da importância das feiras livres e a forma de comercialização adotada pelos feirantes na cidade de Nova Andradina – MS. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DE GESTÃO DESENVOLVIMENTO E INOVAÇÃO – EIGEDIN, 1., Naviraí, MS, 2017. *Anais...* Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/EIGEDIN/article/view/4288>. Acesso em: 17 abr. 2023.

VASQUES, Samuel Tafernaberi. *Dinâmicas socioeconômicas na prática dos feirantes agricultores familiares de Chapecó-SC*. 2016. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Pato Branco, 2016.

VERONA, Luiz Augusto Ferreira; DIZ, Osmar Mosca; HEMP, Silmar; NESI, Cristiano Nesi. O perfil dos consumidores de produtos orgânicos da feira da cidade de Chapecó-SC. *Revista Brasileira de Agroecologia*, v. 4, n. 2, 2009. Disponível em: <https://revistas.aba-agroecologia.org.br/rbagroecologia/article/view/8644>. Acesso em: 15 abr. 2023.

WATANABE, Maria Aico; LUIZ, Alfredo José Barreto; ABREU, Lucimar Santiago de. Preços de hortifrutis convencionais e orgânicos em feiras livres e supermercado de Barão Geraldo, Campinas, SP, Brasil. *In: CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E SOCIOLOGIA RURAL – SOBER: Transformações recentes na agropecuária brasileira. Desafios em gestão, Inovação, sustentabilidade e inclusão social*, 56., 2018. *Anais... Sober*, 2018. Disponível em: <https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/191905/1/2018AA49.pdf>. Acesso em: 07 jul. 2023.

WHO. World Health Organization. *Diet, Nutrition and the Prevention of Chronic Diseases*. Report of a Joint WHO/FAO Expert Consultation. Geneva. (WHO Technical Report Series, 916). 2003. Disponível em: [https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/42665/WHO\\_TRS\\_916.pdf;jsessionid=6CCC1360C36B7B69F4DEE700B14563E0?sequence=1](https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/42665/WHO_TRS_916.pdf;jsessionid=6CCC1360C36B7B69F4DEE700B14563E0?sequence=1). Acesso em: 17 abr. 2023.